

Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br

PROJETO DE PESQUISA COLETIVA
Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

ELLY HERKENHOFF

1906-2004

(Valburga Huber)

2014

Reencontro

Elly Herkenhoff*

„Inge, ele está chegando!”

Meu Deus do céu! Ingeborg controla-se. Será que se podem ouvir as batidas frenéticas do seu coração? Com certeza, pois as palpitações chegam ao pescoço...

„Ele acabou de dobrar a esquina lá embaixo! Inge! Você está tremendo, e como você está pálida! Vá, rápido, se arrume um pouquinho!”

Sem uma palavra, Inge segue a irmã para o quarto delas, senta-se no banquinho diante da penteadeira e olha para sua imagem no espelho. Se pelo menos parasse de tremer! Afinal, ela quer ir ao

* Tradução de Valburga Huber. Herkenhoff, Elly. Wiedersehen. In: *Serra-Post Kalender*, Ijuí, Ulrich Iöw, 1955, p. 215-221.

encontro dele, bem calma, sem que ele perceba seu nervosismo. Ele não deve notar nada, ele deve... deve – bom, afinal, por que não? Ele sabe perfeitamente o quanto ela sofreu nesses dois anos de separação. Ele também sabe que todos os seus pensamentos sempre estiveram com ele, com ele na Itália, que toda a sua vida neste tempo todo se resumia ao medo e à espera... medo pela vida dele... espera por notícias dele. Espera – todos os dias, todas as horas – pelo fim dessa guerra longa e insuportável...

Dois anos, por dois anos torturantes, ela sonhou com este momento, no qual ela irá novamente ao seu encontro, em que ele a estreitará em seus braços serena e apaixonadamente como outrora, naquela manhã de verão, radiosamente azul no parque da cidade, quando ele inclinou sobre ela seu rosto bronzeado e um tanto juvenil e, em júbilo, declarou-lhe seu amor. O ruído da cidade grande chegava até eles apenas de forma irreal, algumas pessoas passavam por eles como que flutuando num sonho. E eles sentados, abraçados, no gramado sob o flamboyant florido, balbuciando palavras de amor, trocando juras de eterna fidelidade. Se dependesse dele, teriam logo se casado em 15 dias, mas ela era contra essa ideia, pois queria preparar o enxoval sem precipitação e arrumar o futuro lar com tranquilidade. E, então, veio a guerra...

“Rápido, Inge!” pressiona Helga, que espera impaciente no quarto. “Afinal, o que falta ainda?”

É mesmo, o que lhe falta ainda? Em alguns minutos o noivo vai chegar, já deve estar lá embaixo no portão... agora, ele vai abri-lo abruptamente, atravessar o jardim correndo... subir os dois degraus da porta de entrada e chamar, radiante de alegria : “Inge! Inge!”

Ao mesmo tempo, ele tocará a campainha duas, três, quatro vezes em seguida, com a impetuosidade de sempre... Mamãe descera

correndo para abrir....! “Está bem, está bem, meu filho, calma, calma!” ela dirá, rindo...

Se, pelo menos, este aperto terrível na garganta diminuísse! Este tremor e este latejar nas têmporas....

Estranho ela não ter tido ânimo de ir até a cidade para a recepção das tropas que voltavam para casa. Maria da Glória, a vizinha baixinha e moreninha, que também aguardava o noivo, que retornava com os vitoriosos pracinhas, não queria acreditar. Ela ainda tinha passado, no último minuto, com o carro do irmão, para apanhar Inge e Helga...

Meu Deus, se ao menos o latejar nas têmporas finalmente parasse! – Se ao menos –

“Escute – já está tocando! Por Deus, Inge, o que você está procurando? O seu batom? Aqui está – aqui! Dê-me o pente outra vez, a risqueta do seu cabelo está toda torta... isso, espere, deixe-me olhá-la - bom, está bom!” De braços dados, as duas irmãs entram na pequena sala, onde ele já está sentado na frente de mamãe.

“Inge!”

Ele se levanta imediatamente, ela estende os braços para ele, - agora ele vai apertá-la contra seu peito – agora – agora –

Não, ele apenas beija sua mão com cerimônia, um tanto desajeitado, cumprimenta Helga, fica de pé junto à poltrona e espera até que mamãe o mande sentar-se novamente. A gente conversa sobre isso e aquilo, mas são mamãe e Helga, na verdade, que conduzem a conversa. Os noivos estão sentados frente a frente, como dois estranhos, que não têm muito que dizer um ao outro. Este reencontro é tão diferente, tão inteiramente diferente do que Inge sonhara em todas aquelas noites insones. Alguma coisa está agora entre eles, algo novo, incompreensível. Aquele homem, sentado à sua frente, rígido no seu uniforme, não é mais o mesmo Bert, que a

abraçou fortemente naquela manhã radiosamente azul no parque da cidade, aquele que lhe fez juras de amor eterno...

Depois de algum tempo, mamãe sugere um café na varanda para festejar este dia e chama Helga para ajudá-la a prepará-lo.

Agora, eles estão sozinhos, Inge e Bert, completamente sozinhos.

Agora, talvez agora, pensa Ingeborg e passa a mão direita pela fronte latejante.

"Inge...eu.... "

"Sim... Bert? "

"Eu não sei... "

"O que tu não sabes, Bert?"

"É incrivelmente difícil para mim... "

"O quê? "

"E, no entanto, tem que ser dito, Inge – quanto antes, melhor."

"...Bert? "

"Eu sei que tu não vais me perdoar... Eu sou um patife, eu não mereço que sofras por mim... Eu... eu traí você, Inge! Mais do que isso, eu –"

"Ah!"

"Você não vai conseguir entender, Inge. A guerra é uma coisa terrível! A morte à frente dos olhos, hora após hora, o inferno e o ódio da população fanatizada... É algo inimaginável para quem não viveu isso... Foi... no sul da Itália... nós nos encontramos num casebre em ruínas... havia dois dias que ela estava embaixo das ruínas... sua mãe morrera na fuga... o pai e os irmãos haviam morrido na guerra há muito tempo... ela não tinha mais nenhuma alma viva a quem apelar-"

Clic. Um suave tilintar de porcelana que vem da sala ao lado. Para comemorar o dia, Helga tira do armário o aparelho de porcelana

guardado. Como sempre, raspa com a tampa pontuda do bule na prateleira de vidro de cima.

“Quando a nossa filha veio ao mundo, eu estava na frente do Monte Castelo” “

Clic. Mais uma vez, Helga se descuidou! Não tardará e, logo, mamãe vai gritar um alerta da cozinha: “Helga, meu coração, tenha cuidado. Esse aparelho eu ainda ganhei da minha mãe....”

“E... pois é.... e.... e.... e Giovanna tem minha palavra e eu a mandarei buscar assim que for possível e casarei com ela... ”

Ingeborg ainda está sentada na frente dele, ereta e de repente muito calma.

Ela gostaria mesmo era de ter dado uma gargalhada – tão louco é o sonho. Helga faz ruídos com as xícaras lá fora na varanda. Talvez ela tenha voltado a esquecer as colherinhas, como outrora, no dia do noivado? Daí mamãe dirá novamente, balançando a cabeça: “Helgazinha, será que você pode se concentrar pelo menos uma vez!...” E Bert vai rir, rir tanto, que a gente verá seu dente de ouro, reluzindo no canto superior da boca: “Helga pergunta-se, neste instante, para que mais açúcar? A vida por si mesma, já é doce o suficiente!” Será que Bert ainda tem o dente de ouro? Pensa Inge e, de repente, ela se conscientiza de que o noivo continua falando, sem parar... sem parar...

Agora ele está diante dela. Ele estende-lhe a mão direita, mas ela não a aperta. Há quanto tempo ele estará assim esperando até, ainda hesitante, se dirigir para a saída? Inge olha o seu rosto um tanto juvenil, neste instante um rosto amargo e sério, e o vê desaparecer – ela escuta a porta se fechando cuidadosamente atrás dele...

Na varanda, ao lado, Helga dedilha no piano algumas notas da Valsa do Imperador, enquanto bate palmas ao mesmo tempo, até interromper o que fazia logo em seguida e, com presunção, gritar para a cozinha:

“Pronto, mamãe, agora pode começar!”

“Sim? Está tudo pronto? Os guardanapos também foram colocados, e os pratinhos?”

“Tudo O.K.! A torta sobressai no meio! ”

“Sim, então vamos ver, se nossos dois queridos já se disseram tudo que queriam.”

“Inge e Bert? Já se disseram tudo? Como assim, já se disseram tudo mamãe?”

Então, Inge percebe, de repente, que ela não está sonhando, que é tudo verdade, ela sabe que Bert vai embora, embora para sempre, ela sabe que ela tem que chamá-lo de volta, porque ela o ama loucamente, sem limites, e porque não pode continuar vivendo sem ele.

“Bert! ”

Ela já abriu a porta da sala com impetuosidade, já desceu os degraus voando na direção da porta da casa -

“Bert!!!”

“Inge!!! ”

Ele se vira, ela se lança em seus braços, seus lábios se encontram, enquanto ele a abraça novamente, sem palavras, apaixonadamente, e suas lágrimas lhe molham o rosto e os cabelos.

“Inge, minha querida, tu consegues me perdoar?”

“Oh, você...você me ama, então? A mim – e não a outra?”

“E amo só você, só você, Inge!”

“Bert! Meu amor... então, então está tudo bem, tudo bem!”

“O resto foi só um delírio. E tudo isso já passou, a guerra e tudo o mais. Se você me perdoar, Inge, acharemos com certeza uma

solução! Giovanna terá de entender que nós pertencemos um ao outro e que nada mais pode nos separar!”

“Eu pressenti, Bert, nos últimos tempos, que havia algo entre nós, algo terrível. Mas se você me ama, se você ainda me ama, então está tudo bem de novo!”

“Inge! Bert! Venham, por favor!” Helga está no alto da escada e movimenta os braços com impaciência. “O café vai esfriar e, além disso, estou morrendo de fome, isso eu asseguro a vocês!”

E mamãe está silenciosa ao lado de suas filhas; ela colocou o braço sobre seus ombros e, enquanto passa rápido as costas da mão sobre os olhos, acena para Inge e Bert, sorrindo.